



Modalidade do trabalho: Ensaio teórico
Evento: 2011 JP - XVI Jornada de Pesquisa

CIÊNCIAS, ARTES E MORAL NO PENSAMENTO DE ROUSSEAU¹

Eduardo Lemos Leal²; Claudio Boeira Garcia³

¹ Este texto faz parte da pesquisa de dissertação em andamento junto ao curso de Mestrado em Educação nas Ciências da Universidade Regional do Estado do Rio Grande do Sul – UNIJUI.

² Mestrando em Educação nas Ciências pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul – UNIJUI e Bolsista CAPES.

³ Prof. Orientador.

Resumo: O presente trabalho discute sobre o papel das ciências e das artes na perspectiva de Jean-Jacques Rousseau, fundamentalmente no que se refere à possibilidade das mesmas contribuírem ou não com o aprimoramento da moral e dos costumes que fundamentam a ordem social. Visto que o *Discurso sobre as ciências e as artes* de Rousseau se distancia dos paradigmas iluministas de sua época, serão observados no texto que segue alguns aspectos constitutivos dessa singularidade.

Palavras-chave: Iluminismo; Ciências; Moral; Perfectibilidade.

Introdução

Durante o século XVIII, novos ideais sobre o conjunto de relações que formavam a sociedade moderna foram intensamente debatidos pelos intelectuais iluministas. Estes buscavam uma ruptura para com os paradigmas vigentes naquele período e exigiam reformas amparadas nos princípios da igualdade e da liberdade da qual seríamos dotados pela condição humana.

Mas se o pensamento do século XVIII anunciado pelos filósofos das luzes foi em grande parte responsável pelo entendimento de que a razão seria capaz de explicar uma grande parte dos mistérios da nossa existência e, por meio disso, solucionar os problemas do mundo, tal profecia indicava também que as eventuais injustiças sociais não passariam de vitórias temporárias do irracionalismo. Acreditava-se, portanto, que a sociedade guiada pela razão e pela ciência – entenda-se esta formada por cidadãos livres e autônomos – teria por destino o progresso e, conseqüentemente, a felicidade.

Ainda assim, qualquer análise que se faça sobre este complexo período não pode ser submetida a reducionismos ou generalizações. Pois se observarmos mais de perto, veremos que em meio ao clima de euforia proporcionado pelas luzes, Rousseau distanciou-se do pensamento de seus contemporâneos já no seu primeiro discurso de caráter político ao fazer uma nova leitura sobre as relações entre ciências, artes e moral, duvidando que as duas primeiras fossem causa da terceira. Neste sentido, a presente pesquisa analisa a perspectiva rousseauiana sobre as relações entre ciências, artes e moral, bem como repercussão da mesma no contexto de sua época.





Modalidade do trabalho: Ensaio teórico
Evento: 2011 JP - XVI Jornada de Pesquisa

Metodologia

A proposta metodológica aqui traçada constitui uma pesquisa bibliográfica sobre o tema proposto no *Discurso sobre as ciências e as artes* de Rousseau através de um diálogo com as perspectivas de ilustres comentadores da obra do autor, como Voltaire, Robert Derathé, Jean Starobinski, Bento Prado Júnior, N.J.H. Dent e Tzevetan Todorov.

Discussão

No *Discurso sobre as Ciências e as Artes* – que lhe rendera notoriedade e o primeiro lugar em um prestigiado concurso literário promovido pela Academia de Dijon em 1750 – Rousseau adotou uma postura bastante singular perante seus contemporâneos rejeitando-se a embarcar na crença irrestrita no progresso das mesmas, pois acreditava que tanto as ciências, como as artes e as letras se desenvolveram “frequentemente em sociedades que se encontravam num estado de decadência e enfraquecimento moral; e que, inversamente, onde existe vigor moral e honra na sociedade é freqüente haver pouca erudição” (DENT: 1996, p. 110), até porque, como afirmara Rousseau (2005, p. 13), “antes que a arte houvesse moldado nossas maneiras e ensinado nossas paixões a falar uma linguagem rebuscada, nossos costumes eram rústicos, mas naturais”, o que o levava a crer que: “no fundo a natureza humana não era melhor, mas os homens encontravam segurança na felicidade de penetrar-se reciprocamente, e tal vantagem, cujo valor já não percebemos, poupava-lhes de muitos vícios.”

É evidente que tal concepção lhe renderia severas críticas, como a de Voltaire (1999, p. 246) que a princípio afirmou estar de acordo que “as belas letras e as ciências às vezes causaram muitos males”, mas em seguida se contrapõe a tal tese ao afirmar que: “as letras alimentam a alma, corrigem-na, consolam-na, são úteis para vós, senhor, enquanto escreveis contra elas.” (*Idem*, p. 247); e mais adiante conclui:

Se alguém deve queixar-se das letras, esse alguém sou eu, uma vez que, em todas as épocas e em todos os lugares, elas serviram para perseguir-me; mas devemos amá-las apesar do abuso que dela fazem, como devemos amar a sociedade cuja as amenidades são corrompidas, como devemos amar a nossa pátria, por mais injustiças que nela soframos; como devemos amar e servir o ser supremo, apesar das superstições e do fanatismo que tão amiúde lhe desonram oculto. (*Idem*, p. 248)

Nas *Confissões* Rousseau (2008, p. 323-324) reconheceu que o *Discurso sobre as Ciências e as Artes* carecia de lógica e de ordem, sendo este o mais frágil em sua harmonia, em todo caso, não aceitou de bom grado que suas proposições fossem falsas ou mesmo contraditórias. Em resposta a Voltaire, Rousseau (1999, p. 252) reafirma suas convicções:

O gosto das letras e das artes nasce entre um povo de um vício interior que ele aumenta e, se é verdade que todos os progressos humanos são perniciosos à espécie,



Modalidade do trabalho: Ensaio teórico

Evento: 2011 JP - XVI Jornada de Pesquisa

os do espírito e dos conhecimentos, que aumentam nosso orgulho e multiplicam nossos desvarios, aceleram logo nossas desditas. Chega um tempo, porém, em que o mal é tamanho que as próprias causas que o fizeram nascer são necessárias para impedir-lhe o crescimento;

De fato, na apresentação do primeiro discurso o autor deixou claro que sua proposta não era a de maltratar as ciências, as letras e as artes, mas sim refletir sobre a falta de virtude em que estas foram moldadas. Bento Prado Jr. (2008, p. 331) acrescenta que na introdução do primeiro discurso Rousseau “torna claro que a crítica das ciências e das artes não é uma crítica metafísico-moral que as visa no absoluto, mas uma crítica de sua função ideológica no presente histórico”. Isto é:

A crítica da ideologia nas ciências e nas artes não deve ser confundida com a proscrição metafísico moral da ciência e da arte. Não é, com efeito, das ciências e das artes no absoluto, em sua profunda identidade numérica, que Rousseau fala, mas de seu funcionamento intra-histórico, *aqui* e *agora*, no circuito da inter-subjetividade, de seu desempenho como figuras do jogo de Poder. (*Idem*: 2008, p. 332)

Contudo, mesmo que Rousseau tenha percebido que às ciências e as artes modernas estariam descomprometidas com o aprimoramento da moral – por estarem diretamente vinculadas ao gosto excessivo pelo luxo e pela ostentação do status e do progresso –, o autor não desmerecerá totalmente suas virtudes em potencial, e se dedicará quase ao final do primeiro discurso a considerar a possibilidade de uma reconciliação entre cultura e moral.

Que os sábios de primeira ordem encontrem em suas carreiras honrosa assistência, e obtenham a única recompensa digna deles, a de contribuir com sua reputação para a felicidade dos povos a que ensinaram a sabedoria. É só então que se verá o quanto pode a virtude, a ciência e a autoridade, animadas por uma nobre emulação, e trabalhando em harmonia com a felicidade do gênero humano (ROUSSEAU: 1995, p. 230)

Como bem percebeu Starobinski (2011, p. 50), para Rousseau “o mal não reside essencialmente no saber e nas artes (ou na técnica), mas na desintegração da unidade social”, no entanto, “nada impede que sirvam a fins melhores (...) pois ele está pronto a absorver a cultura, com a condição de que se torne parte integrante de uma totalidade harmoniosa, e não incite mais os homens a buscar vantagens e prazeres separados”; Entretanto, como afirma Rousseau (1995, pág. 230), “enquanto o poder estiver sozinho de um lado, as luzes e a sabedoria sozinhas de um outro, os sábios raramente pensarão grandes coisas, os príncipes mais raramente farão coisas belas, e os povos continuarão a ser vis, corrompidos e infelizes”.

Considerações finais

Conforme Todorov (2006, p. 14), “as luzes foram uma época mais de debate do que de consenso; de assustadora multiplicidade, aliás. No entanto, é certo reconhecermos sem





Modalidade do trabalho: Ensaio teórico

Evento: 2011 JP - XVI Jornada de Pesquisa

muita dificuldade a existência do que se pode chamar de projeto das luzes.” Neste sentido, a singularidade do pensamento de Rousseau não recusa totalmente as bandeiras comuns de liberdade (autonomia) e igualdade (universalidade) difundidas naquele período, mas questiona seus fundamentos, bem como caráter metafísico atribuído pelos iluministas ao progresso das ciências, as artes e da política.

É o mais profundo pensador da língua francesa nos tempos das luzes, Jean-Jacques Rousseau, que se oporá a essa concepção de maneira frontal. Para ele, o traço distintivo da espécie humana não é uma marcha para o progresso, mas unicamente a *perfectibilidade*, isto é uma capacidade de se tornar melhor, bem como melhorar o mundo, mas cujos efeitos não são nem garantidos nem irreversíveis. Essa qualidade justifica todos os esforços, porém não assegura nenhum sucesso. (TODOROV: 2006, p. 25)

Para Rousseau os avanços nessas áreas não teriam de modo algum um fim pré-determinado em si mesmo que nos conduziria a perfeição e ao aperfeiçoamento moral, pois, por sua total falta de linearidade, tanto poderiam ser nocivos quanto benéficos ao homem. Nesse caso o mérito de Rousseau foi o de entender as ciências, as artes e a política como possibilidade de aprimoramento dos costumes, e não como garantia de algo destinado à perfeição em uma marcha contínua rumo à felicidade humana.

Para concluir, resta considerar que a oposição de Rousseau as teorias vigentes de sua época, independente de seu conteúdo, exemplifica aquilo que o espírito das luzes nos legou de mais importante: a percepção de que através do debate de idéias o mundo pode ser transformado, seja para o bem, como para o mal, portanto, cabe a nossas ações conduzir a idéia de progresso para fins humanistas universais e igualitários. Neste sentido, o debate sobre às ciências e as artes promovido por Rousseau no contexto do século XVIII permanece vivo e atual, e pode ainda muito contribuir como referência de valor para novas reflexões sobre como lidamos com estas questões contemporaneamente.

Agradecimentos

Agradeço a CAPES pelo importante suporte financeiro que possibilitou o prosseguimento da minha formação acadêmica junto ao Programa de Pós-graduação em Educação nas Ciências da UNIJUI.

Referências

DENT, N.H.J. **Dicionário Rousseau**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1996.

DERATHÉ, Robert. **Rousseau e a ciência política de seu tempo**. São Paulo: Ed. Barcarolla, 2009.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Discurso sobre as ciências e as artes**. In: Rousseau, Jean-Jacques. **O contrato social e outros escritos**. São Paulo: Cultrix, 1995.





Modalidade do trabalho: Ensaio teórico

Evento: 2011 JP - XVI Jornada de Pesquisa

_____. **Discurso sobre as ciências e as artes.** *In:* Rousseau, Jean-Jacques. **Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens : precedido de Discurso sobre as ciências e as artes.** São Paulo: Martins Fontes, 2005.

_____. **Resposta [a Voltaire].** *In:* Rousseau, Jean-Jacques. **Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens.** São Paulo: Martins Fontes, 1999.

PRADO JÚNIOR, Bento. **A retórica e Rousseau e outros ensaios.** São Paulo: Cosac Naiy, 2008.

STAROBINSKI, Jean. **Jean-Jacques Rousseau: a transparência e o obstáculo.** São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

TODOROV, Tzvetan. **O espírito das luzes.** São Paulo: Ed. Barcarolla, 2008.

VOLTAIRE. **Carta a J.-J. Rousseau.** *In:* Rousseau, Jean-Jacques. **Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens.** São Paulo: Martins Fontes, 1999.